

20-08-2020

“Vende-se uma rifa” ou “Dom Pedro Casaldáliga no canteiro de obras”

Ana Carolina de Oliveira Marques

[Presidenta da Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Goiânia. Comitê Goiano de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino. Profª. Univ. Est. Goiás.
Pesquisadora do Grupo “Espaço, Sujeito e Existências/IESA-UFG]



Mercado de Artesanatos de Inhambane / Moçambique

Os qualificados leitores deste blog certamente se perguntaram: ué, mas o que é isto, um “anúncio comercial”?! Isto mesmo, meus queridos e queridas.

Desta vez, escrevo com uma finalidade bastante prática: vender rifas. Antes de falar-lhes do preço e do prêmio, explicarei o contexto desta malandragem *business-literária*.

É agosto de 2020.

Há um ano, eu publicava aqui o meu primeiro texto: “[Paulo Freire no canteiro de obras](#)”.

Estava de férias, em Arraias/TO.

Abri a janela do meu quarto-infância e de lá avistei três ou quatro pedreiros, negros.

Enquanto suas mãos remexiam a massa de cimento, as minhas procuravam a caneta. Erguíam a casa ao passo que eu organizava os pensamentos. Dediquei aquela manhã para revolver uma ferida antiga do Brasil, especialmente a clivagem de raça/cor do analfabetismo. Pesquisei dados atualizados e poemas.

A crítica absolutamente “imparcial” (amigos e amigas) elogiou o texto e me impulsionou a continuar no “movimento”.

Parti para as próximas crônicas. Na terceira eu já me sentia uma verdadeira escritora. Vou contar um pouquinho dela... Afetada por um relato de violação de direitos humanos, busquei desovar em palavras a angústia que em mim se espalhava.

Nesse instante, entendi o que dizia Clarice: escrever, para alguns, é questão de sobrevivência. Refiro-me ao texto “[Di menor, direitos humanos e a fábrica de robôs](#)”. Os meus leitores assíduos (dois ou três dos amigos mais íntimos) se lembrarão: relatei a chacina “Solar Bougainville” (abril de 2018) que resultou na morte brutal de 4 jovens negros da periferia de Goiânia e o desaparecimento do João Vitor, o “Di Menor” de 14 anos.

Relatei também o meu encontro com a mãe do menino que segue desaparecido, e as palavras “cortantes” que saíam de sua boca já cansada. Escrevi outras e outras crônicas. Hoje percebo o protagonismo, na minha narrativa, de mulheres violentadas. Apesar do tema indigesto, a abordagem nem sempre foi melancólica.

Lembro-me da crônica na qual homenageei Maria Margarida Alves, líder sindical paraibana assassinada em frente ao filho, em 12 agosto de 1983. O texto celebrava a marcha de mulheres camponesas que leva o nome da mártir: [Marcha das Margaridas](#). E agora estou aqui, em mais um agosto. Desta vez, vendendo o meu texto, ou melhor, minha rifa. Por favor não entendam o retrospecto que fiz da minha trajetória no blog como manobra de “engabelar” o cliente. Vou direto ao assunto para que não se cansem, e minhas vendas não sejam comprometidas.

A rifa que lhes vendo é extensão do que escrevi e senti até agora. Foi a solução que encontrei diante de mais uma realidade que me dilacera: a mãe do João Vitor, o “Di Menor”, mulher negra, com baixa escolaridade, diarista desempregada, está construindo um “barraco de PVC e papelão” para sair do aluguel já insustentável.

Com o “acerto” do marido (agora os dois desempregados), compraram um lote. Não é difícil imaginar a insegurança e o desconforto térmico deste tipo de construção em Goiás: terra abundante de sol, vento, grãos, desigualdades e bispos progressistas. Com o dinheiro arrecadado, contribuiremos – falo em nome da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Goiânia – com a aquisição de materiais de melhor qualidade, segurança e conforto.

O prêmio da rifa provém de terras não menos quentes, ventosas, desiguais e amadas: Moçambique/África.

O “batique” (tecido tingido artesanalmente) foi adquirido no mercado municipal da cidade de “Inhambane” (significado: terra de boa gente), na qual vivi metade do ano de 2014. Pechinchei como legítima filha de mineiro. Mantive-o em lugar privilegiado em minha casa, no Brasil, nos últimos 6 anos. A cada três meses, desenrolava-o com cuidado para me certificar de que as cores, texturas e lembranças moçambicanas não haviam me abandonado.

Tinha planos de emoldurá-lo e fixá-lo na parede do meu apartamento, como quem diz aos visitantes: “aqui mora alguém que se orgulha de suas origens e se revolta contra um passado/presente colonial”. Não hesitei em rifá-lo para uma causa/casa tão importante. Ainda mais neste mês de agosto, em que se juntou a Paulo Freire, no canteiro de obras, o Dom Pedro Casaldáliga (1928-2020).

Proclamador da teologia da libertação, o “bispo do povo” foi um grande defensor das causas populares.

Esta rifa é, de alguma forma, fruto de seu legado.

Custa apenas 30 pilas. Interessados, chamar no “zap”: (62) 9 96693151. Conto com vocês.

Certa de que o batique, e o batuque dos tambores africanos, permanecerão em terras de boa gente.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.